

LUGARES MÍTICOS¹

Mythical places

Lívia de Oliveira²

RESUMO

Os lugares míticos permanecem presentes no imaginário e na realidade da vida dos seres humanos. Estão ainda muito entranhados nas culturas e nos símbolos, tanto no passado como no presente. Na cultura humana o mito não é simplesmente um sistema de crenças dogmáticas, é baseado em ações, imagens históricas ou representações geográficas. Ademais, os espaços míticos são respostas de sentimentos e necessidades que nos trazem um mundo mágico, misterioso, povoado por seres benéficos ou maléficos.

Palavras-chave: Mitos. Lugares. Espaços. Pessoas. Coisas.

ABSTRACT

The mythical places remain present in the imagination and the reality of human life. They are still very much ingrained in the cultures and symbols, both past and present. In human culture, myth is not simply a system of dogmatic beliefs, it is also based on actions, historical images or geographical representations. Moreover, the mythical spaces responds to feelings and needs that bring us a magical and mysterious world, full of beneficial or harmful beings.

Keywords: Myths. Places. Spaces. People. Things.

1 Texto base da intervenção na mesa-redonda "Olhares humanistas do lugar", realizada durante o Seminário "O lugar do lugar na geografia contemporâneo", promovido pelo Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) e pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Unicamp, dia 27 de setembro de 2013, em Campinas (SP).

2 Professora Emérita da Universidade Estadual Julio Mesquita Filho (UNESP). liviadeoliveira@yahoo.com.br.

✉ Rua 1, n.705, apto.43, Rio Claro, SP. 13500-402.



E se Homem e Terra são uma coisa só como pensa Dardel, então não há nada mais humanista do que pensar nas relações essenciais que nos ligam a tudo que nos cerca.

Eduardo Marandola Jr.
Prefácio à Edição Brasileira, de Eric Dardel (2011, p. XIV)

No contexto cultural, Cassirer (1977, p. 116) chama atenção para arte, linguagem, mito e religião, que, como criações humanas, não se apresentam isoladas, mas coesas entre si e ligadas em traços comuns. Convém lembrar que a função básica das mesmas reside, não apenas em suas formas e inúmeras expressões, mas até em uma origem comum. Aceitamos que as obras (criações) humanas aparecem em circunstâncias históricas, sociológicas, geográficas, antropológicas, como produtos de uma cultura, quiçá, de uma civilização.

Porquanto, no mundo da cultura não nos deparamos com uma coerência perfeita entre as atividades humanas. Ao contrário, existe um contínuo embate entre essas forças conflitantes, principalmente em relação à ciência. Essas atividades procuram alcançar metas diferentes por caminhos diferentes, daí, a divisão entre o material e o formal. Pareceria impossível reduzir a um denominador comum. Por isso, Cassirer (1977, p. 119-120) propôs uma Antropologia Filosófica, a guisa de síntese, não mediante “uma unidade de ação, não uma unidade de produtos, mas uma unidade de processo criador”. Mais adiante o autor pondera:

Na multiplicidade e variedade ilimitadas das imagens míticas, dos dogmas religiosos, das formas linguísticas, das obras de arte, o pensamento filosófico revela a unidade de uma função geral, pela qual todas estas criações se conservam unidas. O mito, a religião, a arte, a linguagem, a própria ciência são hoje considerados como outras tantas variações de um tema comum – e cabe à filosofia torná-lo audível e compreensível (CASSIRER, 1977, p. 120).

Aqui, é oportuno tecer algumas palavras, lembrando que linguagem e mito expressam relações estreitas, que às vezes são difíceis de serem separadas. São duas origens diferentes, mas proveem de uma mesma raiz. “Sempre que encontramos o homem, vemo-lo na posse do dom da linguagem sob a influência da função mito-criadora”. Entre as sociedades primitivas mito e linguagem aparecem como gêmeos, pois tanto um como a outra se baseiam na experiência geral e primordial do Homem, com características mais sociais do que materiais.

Com o decorrer da história, o Homem foi deixando de se submeter à palavra mágica e iniciou uma compreensão mais ampla da linguagem em relação à realidade. A palavra já não é dotada de poderes mágicos. “A função mágica foi substituída pela função semântica” e simbólica, acrescentando-se que “o *logos*, transformou-se no princípio universal e no primeiro princípio do conhecimento humano”. (CASSIRER, 1977, p. 178).

MITOS

O mito não é de forma alguma a narrativa de um acontecimento ocorrido em uma data precisa e única. Ele é absoluto, isento do tempo como data ou momento.

Eric Dardel
O Homem e a Terra (2011, p. 51)

Na cultura humana, o mito e a religião são os fenômenos mais resistentes a se submeter a uma análise meramente lógica. Ora, vamos nos deter apenas no mito em seu caráter quase inexplicável e em sua forma da imaginação.

As pessoas idealizam, imaginam, representam e estabelecem a relação entre a ideia, com aparência fútil, vã, incoerente, e a criação

dos mitos que individual e coletivamente buscam suas “razões de existência”. Assim, o mito percola por todas as camadas da sociedade e por todas as civilizações, desde a primitiva até a contemporânea. O mito persiste entre os indivíduos e entre os grupos. Qualquer pessoa ou qualquer conjunto de indivíduos conserva a representação concreta de seus mitos. Porquanto, o verdadeiro substrato do mito não é de pensamento, mas de sentimento e de simbolismo.

Mito, literalmente, em etnologia, é uma narrativa fabulosa de cunho mais ou menos sagrado que se refere a seres que se representam os mensageiros naturais ou simbolizam, culturalmente, as origens de uma sociedade. Em sentido amplo, o mito é um referencial justificador ou uma substituição de um modelo, chegando a constituir a revelação coletiva resultante da conduta de certos grupos sociais.

Por outro lado, do ponto de vista sociológico, o mito é uma resposta coletiva mais ou menos irracional, mas de valor afetivo inestimável.

Para a Antropologia, o mito é um relato de significação simbólica, transmitida de pai para filho e aceita como verídica e incontestável. Em filosofia, o mito é uma forma de pensamento oposto ao pensamento lógico e científico.

Novamente voltemos às palavras de Cassirer (1977, p. 125-131), recordando que o mito alia um elemento teórico com um elemento de criação artística, com afinidade íntima com a poesia. Mas, não devemos confundir arte com mito. Estética com crença. A contemplação estética prescinde de seu objeto, ao passo que sem a crença, o mito diante do concreto perde todo o seu fundamento.

Não é aceitável reduzir o mito a aspectos estáticos e fixos, mas sim tentar apreendê-lo em sua espontaneidade, versatilidade e mobilidade, isto é, em sua dinâmica. Pois o mito apresenta-se a nós com duas faces: uma conceitual e outra perceptual. Um lado conceitual já, aqui, discutido. O outro, mais difícil e mais escorregadio, é o lado

perceptual. Ora, o pensamento mítico é mais fluído e mais flutuante. Seus elementos perceptivos não são objetivos, porém fisionômicos. A percepção mítica está sempre mergulhada em qualidades emocionais e dramáticas, com cores fortes de alegria, tristeza, angústia, depressão. O mito pode ser considerado em relação a seus objetos: bons ou maus, familiares ou ameaçadores, geográficos ou históricos. As emoções e os sentimentos mediante os símbolos coloreem todas as fisionomias do mito com nossas paixões de amor e ódio, de medo e esperança.

Com outras palavras, Tuan (1983) expressa que o mito se apresenta em oposição à realidade na falta de um conhecimento mais rigoroso. Assim o mito não é uma convicção que possa ser demonstrada como verdadeira ou falsa mediante os órgãos dos sentidos. O mito não é algo do passado que permaneceu limitado pela compreensão. Pouco sabemos e entendemos a respeito da estrutura intrínseca do mito, a sua existência presente entre nós.

Finalmente, posicionamos que o mito não é um sistema de crenças dogmáticas, estribando-se mais em ações ou simples imagens históricas ou representações geográficas.

ESPAÇOS MÍTICOS

O espaço mítico é um constructo intelectual. Pode ser muito sofisticado. O espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais.

Yi-Fu Tuan
Espaço e Lugar (1983, p. 112)

Dentre os espaços que rodeiam e atendem às necessidades humanas se destaca o espaço mítico. Mítico da imaginação criativa, dos símbolos primordiais e da vivência cotidiana. O espaço mítico é plural representando a valoração de múltiplos lugares.

Em uma geografia mítica, Dardel (2011, p. 48-66) nos traz um mundo mágico, mítico e qualitativo ensejando facetas telúrica, temporal e espacial. As sensações táteis ou as expressões visuais resultam em imagens, símbolos e sinais da superfície terrestre. Manifestam-se como cadeias montanhosas e escarpas construindo-se em arcabouço lítico da Terra. O granito, o mármore, o basalto representam a permanência consistente do espaço telúrico. O vulcanismo que assoma à epiderme nos lembra de que a Gaia está bem viva e dinâmica. Por outro lado o intrincado da floresta nos aparece como um espaço fechado, profundo, quieto, misterioso envolvendo como uma campânula toda a extensão do bosque. Os rios correntes simbolizam as veias e os lagos tranquilos nos lembram placidez e segurança. No mundo mítico a água é o espaço primordial, domínio da vida, o alimento básico dos seres animados e inanimados. Montanhas como o Fujiyama, o monte Olimpo, o lago Ness, os rios Ganges e Nilo, as florestas de Sherwood, as da Irlanda ou as da Gália, as rochas Ayers, na Austrália são hierofanias, manifestações do sagrado. Lembrando, fisionomicamente a concretude dos espaços míticos.

As presenças de entes misteriosos, míticos, benéficos ou maléficos, como anjos, elfos, duendes, gênios, almas, gnomos, fantasmas, trasgos que habitam o bátrio, as profundezas das cavernas e dos mares, os altos dos cumes gelados, os temidos desertos, são perpetuações da presença de espaços míticos.

Os espaços míticos do passado teriam se perpetuado até os nossos dias? Como tradições e folclores teriam sobrevivido os tempos modernos? Na atualidade, o sol, a lua, o arco-íris, os cometas, os pontos cardeais, a sucessão sazonais, os picos pontiagudos, as torrentes, as árvores gigantescas, os penhascos transcenderam suas noções

cosmológicas. Hoje, o conhecimento científico e tecnológico nos dão explicações cabais das essências e aparências de todas as coisas, no universo. Os espaços míticos da modernidade dizem mais respeito ao conceitual do que a explicação cosmológica.

Tuan (1983, p. 96-112) discorre copiosamente sobre o espaço mítico, esclarecendo e colocando as nossas ideias geográfica e historicamente em relação aos nossos sentimentos, emoções, medos, apreensões diante deste “admirável mundo novo”. O autor aponta dois tipos principais de espaço mítico.

O primeiro é um prolongamento dos espaços familiar e cotidiano, definidos pela experiência evidente. Em relação às geografias de além-mar ou de além-montanha, mediante a imaginação e a fantasia, são criados espaços míticos para preencher as lacunas, nem sempre de conformidade com as realidades. Daí resultam mapas imprecisos, pictóricos com dragões, deuses, sem escalas e projeções. É um exemplo clássico da representação medieval de temas ignotos, surpreendentes e inesperados. Este espaço mítico, não percebido diretamente, mas fantasioso é irreduzível. Um pouco além do que lhe rodeia, para o homem tudo é impreciso, nebuloso e temeroso.

O segundo tipo de espaço mítico induz a uma visão de mundo ou cosmologia. A visão de mundo ordenada procura pela compreensão do meio ambiente. Esta ordem se faz necessária para que o habitar, o viver, o conviver se articulem com congruência e regularidade. Consequentemente, as cosmologias correspondem às grandes e estáveis sociedades.

Os espaços míticos são as respostas às indagações sobre o relacionamento do Homem com a Terra e o Universo. Por meio de sistemas cósmicos foram estabelecidas essas relações, tanto usando o

Lugares míticos Lívia de Oliveira

próprio corpo, os pontos cardeais, os signos zodiacos, as fases da Lua, o nascer e o por do Sol e as constelações. Também, foram desenhados sistemas terrestres como símbolos: os ritmos agrícolas, as forças da natureza (terremotos, furacões, tempestades, secas), as explicações anímicas e sobrenaturais. Os quatro elementos primordiais: ar, terra, água e fogo constituíram as essências dos mitos e dos espaços míticos e por não dizer dos lugares míticos.

OS LUGARES MÍTICOS

O rochedo de Ayers no Centro da Austrália, por exemplo, dominou o campo mítico e perceptivo dos aborígenes, mas continua sendo um lugar para os australianos modernos, que são levados a visitar o monolito pelo seu extraordinário tamanho.

Yi-Fu Tuan
Espaço e Lugar (1983, p. 182)

Nas vivências cotidianas no passado e no presente, pelas diferenças de lugares e suas dimensões significativas, sempre nos deparamos com lugares míticos. Pois, o lugar é um acontecimento, mediante um labirinto no qual se perde e se encontra nos itinerários misteriosos de nossas existências.

Os lugares míticos não podem ser ignorados e só pensados como realidade de regiões ignotas. Que já foram! Que já eram! E que, agora, só povoam nossas mentes como produtos da imaginação e da fantasia. Ora, lembrando fisionomicamente a concretude dos lugares míticos universais, em suas múltiplas variedades, ainda, estão presentes e enraizados em nossas culturas mescladas com o sagrado e com o profano. É o mito que fixa e que torna o lugar consagrado para as liturgias cerimoniais religiosas.

A experiência e a existência dos lugares míticos aportam sensações familiares e aspirações do sagrado, do lar. Os lugares míticos são criações humanas, histórias, geografias, culturas e surgem trazendo em seu bojo, significações de seres animados e inanimados, de seres animais, vegetais ou minerais, até de seres humanos. “O lugar tem espírito e personalidade. Espírito porque os lugares carregam emoções. Lugares nascem, por exemplo, do sagrado, do carinho da avó, do apoio da vizinhança” (PÁDUA, 2013, p. 45). Se o lugar genericamente expressado pela autora é assim, porque não o lugar mítico. Mais adiante, Pádua assevera que os símbolos públicos têm espírito substanciado em um monumento ou em um local sagrado, se transformando em lugares míticos.

Símbolos públicos como a Estátua da Liberdade, a Torre Eiffel, o Big Ben, a Acrópole, o Muros das Lamentações, o Pentágono, a Torre do Tombo, as Pirâmides, a Capela Sixtina, o Muro de Berlim, os Arcos da Lapa, a Alhambra, a Grande Muralha, o Pateo do Collegio tornaram-se lugares míticos, públicos e emblemáticos.

AS PESSOAS MÍTICAS

... tida como sua mais completa biografia, não ousa se fechar em torno de seu nome: a vírgula que (não) encerra o título ecoa dificuldade de definir essa que se tornou a mais mítica das autoras de nossa língua.

Francesca Angiolillo
Clarice, uma Enigmática, Folha, 25/02/2012, p. 17

Os seres humanos identificados como mitos do passado e que chegaram até nossos dias são, principalmente pessoas que se destacaram em suas épocas, com seus atos e vida produtiva, tanto para o bem como para o mal.

Lugares míticos Lívia de Oliveira

A tradição ocidental reconhece personagens, como mitos, desde a antiguidade clássica até a contemporânea, exercendo as mais variadas atividades. Na filosofia, nas artes, nas ciências, nas igrejas, nos palácios, entre pobres e ricos, santos e ateus, mulheres e homens, velhos e crianças, europeus, africanos, asiáticos ou americanos. Assim podemos apresentar algumas dentre muitas personalidades. Sócrates, Alexandre Magno, Ulisses, Helena de Tróia, Júlio Cesar, Virgílio, Cícero, Sêneca, Nero, na antiguidade greco-romana. Abraão, Noé, Moisés, Davi, Paulo de Tarso entre os hebreus. Da Idade Média: rei Artur, Merlin, Morgana, El Cid, Carlos Magno, Agostinho, Francisco de Assis, Joana d'Arc, Ricardo Coração de Leão, Robin Hood, Marco Polo, Kublai Khan, Maomé. Enquanto na Renascença e Idade Moderna os mitos são inúmeros: Galileu, Copérnico, Maquiavel, Rafael, Leonardo, Michelangelo, Henrique VIII, Ana Bolena, Isabel Tudor, Shakespeare, Lutero, Calvino, Inácio de Loyola, Carlos V e os navegadores Colombo, Vasco da Gama, Cortez, Fernão de Magalhães, Balboa. Nos séculos seguintes surgem indivíduos que foram alçados ao nível de mito como: Luis XIV, Luis XV, Richelieu, Catarina II, Madame Pompadour, Maria Antonieta, Robespierre, Mozart, Beethoven, Paganini, George Washington, Lincoln, Simon Bolívar, Kant, Marx, rainha Vitória, Garibaldi, Machado de Assis. Já no século XX, podemos apontar para: Churchill, Lenin, Caruso, Verdi, Toscanini, Maria Callas, Rodin, Zola, Vitor Hugo, Luther King, Picasso, Salvador Dali, Einstein, Chaplin, Piaget, Villa Lobos, Darwin, Lampião, Antônio Conselheiro.

Os "popstars" da música atual se tornaram verdadeiros mitos. Assim, os Beatles, Billie Holiday, Armstrong, Ella Fitzgerald, os Queens, Mick Jagger, Madona, Elvis Presley, Senna, Marilyn, Michael Jackson, Elis Regina, Roberto Carlos, e os "hippies" com sua contracultura. Talvez, neste século 21, assistimos a mitificação além de pessoas, de coisas verdadeiras, ícones e mesmo ídolos.

AS COSAS MÍTICAS

Há, com efeito, uma atualidade do mítico, referente ao fato de que ele designa a zona da experiência primordial que constantemente aflora nas experiências presentes.

Jean-Marc Besse
Geografia e Existência (2011, p. 135)

As coisas míticas são emblemáticas, são laços terrenos que unem o ser humano à terra. Dardel (2012, p. 57) aponta que "dessa seiva que vem da Terra, renovada pelo trigo, pelo vinho, pelo azeite, retirados dos campos de cultivo". Assim, as espigas de trigo, os cachos de uva e as pencas das azeitonas transmudam em ícones e mitos de uma civilização como a do Mediterrâneo. O amanho da terra implica sempre em rituais, em ações míticas e produtivas: arar, semear, capinar, irrigar, colher, armazenar.

O sol, a lua, as estrelas, as constelações são seres celestiais que carregam intrinsecamente uma força mítica e sagrada. A floresta, com suas árvores como o cedro do Líbano, a sequoia da Califórnia, o pinheiro de Uppsala, a "berioska" da Rússia são símbolos míticos de certas regiões. Os rios Reno, Danúbio, São Francisco, Tâmis, possuem espíritos vivos de águas veneráveis, e se tornam mitos para milhares.

As flores, também se revelam mitos heráldicos de reinados e representam emblemas, como a rosa, o lírio, a tulipa, o crisântemo, a orquídea. Os passarinhos por suas penas coloridas e seus cantos maviosos estão incluídos entre mitos santificados: o beija-flor (quetzal), a cotovia, o sabiá, o rouxinol, o cuco, a coruja, o condor, o corvo. Em geral todos estes mitos ocupam nichos em santuários.

Alguns animais são alegorias de seres míticos, perpetuados pela tradição, memória e fantasia. A eles os homens atribuem qualidades prenes de simbologia, mistério e misticismo. São vários os exemplos

Lugares míticos Lívia de Oliveira

dessa relação intrínseca entre a natureza do animal e sua índole. Apontamos as seguintes: a realeza do leão, a argúcia da raposa, a sabedoria da coruja, a lentidão da tartaruga, a voracidade do lobo, a fidelidade do cão, a memória do elefante, a força do touro, a esperteza do macaco, a insídia da serpente.

Convém lembrar que muitas cidades são consideradas míticas, desde outrora: Roma, cidade eterna; Meca e Medina sagradas para o Islão; Paris, a cidade luz; Nova Iorque, a grande maçã; Pequim, a cidade proibida; Babilônia e seus jardins suspensos; Sodoma e Gomorra, cidades do pecado; Las Vegas, cidade do jogo; Alexandria e sua biblioteca; Atenas, berço da democracia; Atlântida, cidade submersa; Aparecida, a cidade da fé; Granada, capital dos mouros; Bagdá, cidade de Aladim; Pisa e sua Torre inclinada. E assim por diante, são inúmeras cidades que são míticas e procuradas por multidões.

Há povos que se tornaram mitos: os persas, com os reis Ciro e Dario; os egípcios e os faraós Ramsés, Tutankamon; os gregos com Sólon, Leônidas; os maias e os astecas; os cartaginenses com Amílcar, Aníbal; Troia (Ilion) imortalizada na Ilíada, com Páris e Príamo. Os povos árabes nômades que se tornaram astrônomos, médicos e matemáticos. As cruzadas que saíram das várias partes e reinos da Europa buscando a conservação de Jerusalém e dos lugares da Terra Santa.

PERMANÊNCIAS DE LUGARES MÍTICOS

*O mytho é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo*

Fernando Pessoa
Os castellos (1960, p. 8)

Assim como o poeta canta que o mito “é o nada que é tudo”, também acontece com os lugares míticos. Todos são e nenhum é. A

permanência dos lugares míticos até nossos dias é como “o mesmo sol que abre os céus”. No passado eram lugares míticos como: a cidade de Veneza, o Grande Canion, do rio Colorado, o Monte Kilimanjaro, a escultura da Vênus de Milo, a catedral gótica de Chartres, o Cristo Redentor, os megalíticos de Stonehenge, a floresta Amazônica, os moais, da ilha de Páscoa, e muitos e muitos mais. Hoje, não são vistos nem considerados como mitos, mas como atrações turísticas.

Nestas últimas décadas, os lugares turísticos procurados por milhões de pessoas e das várias partes do mundo por países exóticos, cidades históricas, gastronomias excêntricas, praias ensolaradas. Outrora os lugares míticos eram visitados e reverenciados, porque intrinsecamente situavam-se mesclando o sagrado e o profano. Atualmente os lugares míticos/turísticos são admirados como únicos, ímpares, símbolos da natureza selvagem e construções das artes dos homens.

Assistimos, neste século, uma ânsia de viajar, de conhecer, de comprar, de sair de sua “aldeia”. De partir de seu lugar seguro, mas rotineiro, de demandar por um espaço de aventura, percorrendo caminhos desconhecidos.

A Lua deixou de ser um mito dos namorados para se transformar em um lugar almejado por viajar no espaço sideral. Ciência e tecnologia abriram as comportas dos mistérios dos lugares míticos e deixaram oportunidade para todos, nunca antes sonhados. 

REFERÊNCIAS

ANGIOLILLO, Francesca. Clarice, uma enigmática. **Coleção Folha Grandes Livros no Cinema. A Hora da Estrela**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013, 63p.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Lugares míticos
Lívia de Oliveira

CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Mestre Jon, 1977. 274p.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. (Trad. de Werther Holzer.) São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.

MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio à Edição Brasileira. In: DARDEL, Eric Dardel. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. (Trad. de Werther Holzer.) São Paulo: Perspectiva, 2011.

PÁDUA, Letícia C. T. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1960. 815p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

Submetido em Novembro de 2014.

Revisado em Abril de 2015.

Aceito em Maio de 2015.